



#### CORTE.

Um anno . . . . .	148000
Seis mezes . . . . .	78000
Tres mezes. . . . .	38500

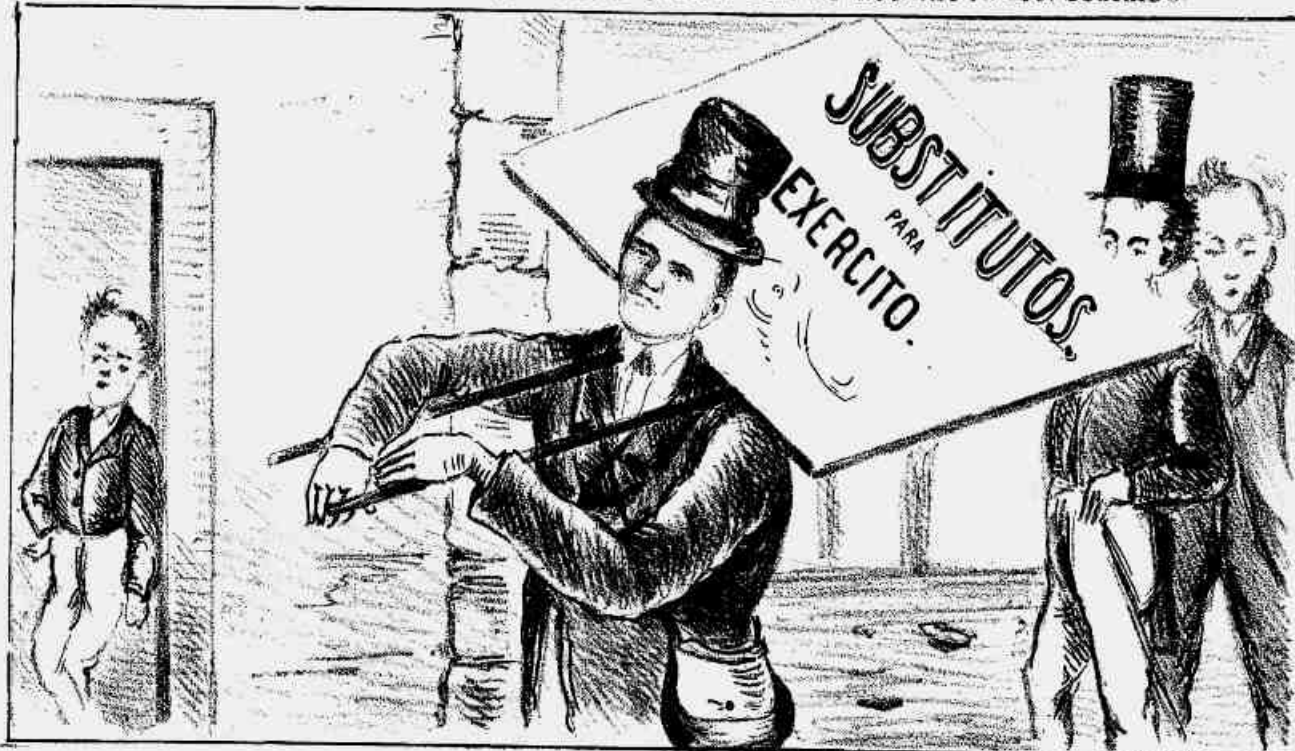
**N. 26.**

**ANNO I.**

#### PROVINCIAS.

Um anno . . . . .	148000
Seis mezes . . . . .	78000
Avulso . . . . .	300 rs.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS.—ASSIGNA-SE Á RUA DO ROSARIO N. 116. SOBRADO



**Agencia patriótica.**

Em nome do interesse engaja-se substitutos para o exercito

# A PACOTILHA

## NOVIDADES DA SEMANA.

Rio, 6 de Outubro de 1866.

Voemos por esta nossa cidade, voemos e de azas bem abertas. Bico ao ar, olhos a todos e ao espaço, ao espaço!

A nossa cidade é uma maravilha. Pela lua que sim!

O Matadouro é a menina do peito de muita gente boa. Alli se discute fervidamente, e são materias de querella, cascos e pontas. Allegão uns e outros que os cascos dão colla, dizem estes e aquelles que as pontas são de uma utilidade inconcebivel, pasmosa, ingente, prodigiosa!

O lixo que amontoa-se nas praças, aliás cheias de cães mortos á guarda fiscal, as aguas verdes e estagnadas, a limpeza emfim que vai por ahi, concorrem brilhantemente para que mui cedo sejamos visitados pelo senhor cholera-morbus, fidalgo inglez e millionario de mão segura.

As visitas feitas nos bolsos e algibeiras dos transeuntes continuão pasmosamente. E a policia dorme a bom dormir! E enquanto ella dorme, os ratoneiros, os capoeiras, os desordeiros pulão, dansão, divertem-se, e o devem fazer enquanto o Braz é thesoureiro.

Todos os dias o tal regulamento de verificação de obitos é sacco velho de costura. Não ha dedal, novello de linha, agulha sem buraco, alfinete sem ponta, que ahi não tenha cahido!

Os medicos, e os medicos verificadores encontrão-se, estes com bonet á policia, aquelles com o bonet phrygio, de *sans-culotte*. Os primeiros representão a força, os segundos a liberdade; atirão-se uns sobre os outros: são dons monitores que arrepellão-se e contusão-se.

No fim do combate sahe vencedor o povo, porque riu-se de uns e outros, destes e daquelles, dos alhos e dos bugalhos.



Brochura é um folheto, o *Jornal das Familias* não é um folheto.

Brochura é um folheto que só trata de um assumpto e perfunctoriamente. O *Jornal das Familias* trata de mais de um assumpto, logo, grita o ministro das obras publicas, logo não é brochura.

Que tal a logica? Os sapateiros que respondão.



O ministerio da marinha chama a serviço 1,600 individuos empregados na vida do mar, e reparte-os de uma maneira que honra os conhecimentos estatísticos do nobre ministro.

O municipio neutro e o Rio de Janeiro devem fornecer 350 infelizes destinados a morrer esmolando, porque o governo dá lhes 200\$ de gratificação e promette um asylo para os que receberem lesões, ferimentos, etc. Ora o municipio neutro e o Rio de Janeiro já derão numerosos contingentes para o exercito e armada, e a tal gratificação e o tal asylo são de uma qualidade irrealisavel, espuma fôrvida e bolha de sabão.

O que honra sobremaneira á sciencia do Sr. ministro da marinha, é que a provincia de Santa Catharina deve dar 60 marinheiros, quando pelas estatisticas reconhece-se que as provincias do Rio Grande do Norte e Espirito Santo possuem maior numero de individuos matriculados em as capitancias, e no entretanto dão menor contingente.

Mais estudo, Sr. ministro, e mais cuidado em *prometter*.

O governo *promette* sempre e poucas vezes cumpre. Que o digão os voluntarios da patria, que recebendo 400 rs. por dia, esmolão da caridade publica um obulo para seu sustento, e muitas vezes para a volta ás suas provincias.



Na terça-feira embarcou para o Sul novo contingente de voluntarios.

Soldados bahianos, acudindo aos clamores, placido porvir á elles!

Rebentões floridos de seiva pomposa, oxalá esflorem elles galhos viridentes e louções.



Voemos para os theatros.

A epocha é de phantasmas, dramas allegoricos, apparatus enredos, e no fim resalta nada, nada e nada!

Annuncia-se *Demonio da Meia-Noite, Filha do ar, Milagres de Santo Antonio, etc., etc.*

Pobre do theatro! Onde e quando chegará a sua redempção? Talvez tarde ou nunca!

A epocha é de *postigos*. Os theatros entendem que é dos dramas phantasmagoricos que ha de brotar, esgalhar, surgir a regeneração da arte, e esta ha de ser annunciada em grandes cartazes, annuncios e mil outras cornetas da fama, da gloria da popularidade.

Melhores tempos venhão para o theatro com o *Amor da arte*.

O palco está morto. Por os manes de Shakespeare que sim ! Esperemos pelo drama do Sr. Furtado Coelho.

.\*.\*

Chegou ultimamente da Bahia um lindo livro de versos: intitula-se elle *Flores d'alma*, e é seu autor a Sra. D. Amelia Adelaide Santos.

Um livro de versos, escripto por uma menina de dezoito annos ; um livro ungido da lhaneza das almas castas, pleno ainda dos harpejos suaves que nascem dos enleios do espirito, é objecto para séria attenção e serio estudo. A nossa epocha é tão material que vale bem a admiração de toda uma sociedade, o esforço, a portia de uma menina, que no remanso de seu lar volve-se toda á poesia, á essa musica da idéa, colorido poderoso do som, harmonia angelica da palavra.

E *Flores d'alma* são um livro mimoso. Sentimos deveras não ter nem tempo, nem espaço para longa peregrinação, mas os versos que trasladamos podem por certo protestar pela magia e encanto de todos os seus companheiros ; e oxalá sirvão elles, aos leitores da *Pacotilha*, de amostra do que é bom gosto.

### O SORRISO.

Olhei-a, e sorriu-se... com um riso tão bello,  
Que amei o sorriso, que d'ella baixou....  
Olhei-a de novo, de novo sorriu-se  
Com um riso tão bello que n'alma ficou.

E pedi-lhe inda um sorriso  
P'ra completar meu prazer !  
E deu-me outra vez um riso  
De fazer enlouquecer,  
Um sorrir, que junto á morte  
Fazia a vida deter !

E sorriu-se tão faceira  
Que nem a posso pintar !  
Era a deusa dos amores  
Amores a despertar :  
Era um anjo, um mago sonho,  
Um céo na terra a mostrar.

E guardei esse sorrir  
No fundo do coração,  
Como guarda o triste nauta  
Esp'rança de salvação,  
Como guarda casta virgem  
A sua muda paixão.

Guardei-o como um thesoiro,  
Rico thesoiro—sem par—  
Que um sorriso como aquelle  
Oh ! quanto é raro alcançar !  
Foi um sorriso encantado  
Que—Amor—queria expressar.

Olhei-a... e sorriu-se... com um riso tão bello,  
Que amei o sorriso, que della baixou :  
E o estro já frio—por elle inflammado  
Tomando ousadia—um canto soltou.

### Carta II.

Meu Redactor.

Se as letras, lançadas ao correr da penna, exprimindo o nosso pensamento, attrahirem a vossa attenção e forem as considerações, que fazemos, dignas de vossa illustrada folha, dai-as á ler a vossos assignantes, e tambem áquelles descuidados do estudo da lingua patria.

Lendo constantemente os escriptos, quer dos prosadores, quer dos jovens poetas, encontramos proposições, construcções grammaticaes, versos, palavras antiquarias e em desuso, que admiramos. Julgão estes que o bello e o sublime estão no emprego de um termo antigo, já em desuso, ou composto, havendo na lingua outros equivalentes, exprimindo a mesma idéa.

O que escreve ou falla uma lingua deve saber-a, e para isso os mestres, ou aquelles que melhor a fallarão, estatuirão regras ou preceitos. Porém a tanto tem chegado hoje o desprezo da lingua, que homens, verdadeiramente instruidos, commettem erros crassos de linguagem, exprimindo-se no patrio idioma.

Talvez julguem os vossos leitores serem as proposições expendidas pura declamação, visto como os que já algumas vezes advertimos de seus erros, dêem ao que escreve esta carta a mesma denominação com que certo bacharel appellidou o S. B. ; porém não disse o mesmo uma só palavra para nullificar a argumentação deste, mas só o fez na obscuridade.

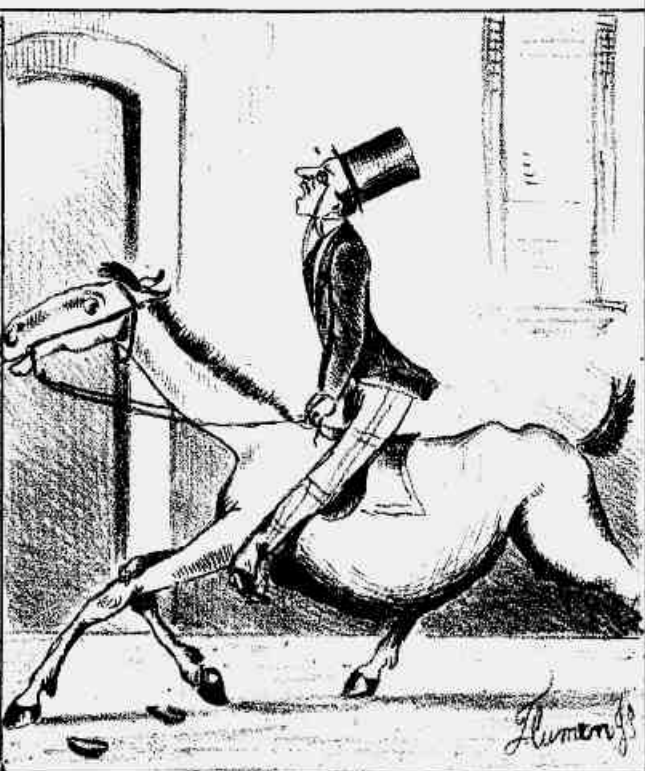
Na *Semana Illustrada*, em o seu n. 302 de 23 de Setembro, lê-se o seguinte : « Ora, não poucos peccadores *devião de cumprir* esta sentença. »

Em que classico da lingua se apoia o autor desse artigo ? Isto é construcção portugueza ? *Dever de cumprir* é construcção franceza, pois o verbo *dever* pede complemento objectivo, e portanto errou o factor desse artigo.



— Vão vestir a minha farda; prepara, meu aojo, um quitute para quando eu voltar da guarda.  
 — Maldita guarda nacional! Se vás para o sul eu irei contigo.  
 — Não sabes que o commandante é nosso compadre, e só para lá vão os que não têm padrinho?

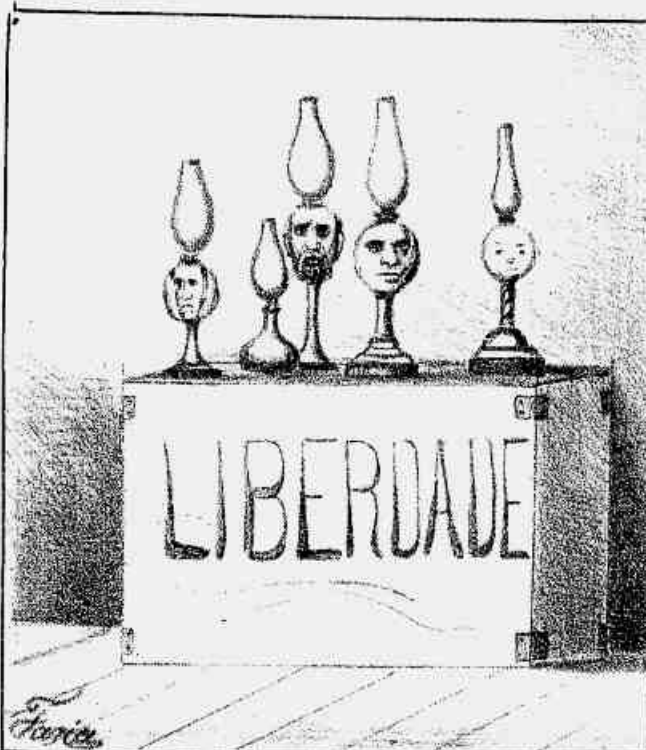
— Estais feito agora negociante de cerveja, doutor tendes nas mãos tantos rotulos?  
 — Deixa disso, não ves que são bilhetes do Banco do Brasil!



— Credo, meu senhor! antes uma boa morte que um casamento com um litterato!  
 — Porque D. Rosa, porque diz isto?  
 — Porque um litterato quer mulher intelligente e eu...

**Quem doe o dente vai a casa do barbeiro.**

Onde morará o Jacome ?!



### A liberdade no Brasil.

No Brasil a liberdade é uma palavra. Hontem o *Correio Mercantil* pagou uma multa imposta pelo senado, e hontem um senador ergueu um viva à liberdade! Mirem-se neste espelho os nossos políticos.



### O Janus do seculo das luzes.

De um lado fero guerreiro; o passado é de horrído Curio Dentato: a hombridade de caracter primeiro que tudo. Do outro lado, movível sachristão: incenso aos que estão em cima, porque é de cima que chovem graças.



### A poesia e a grammatica em nossos dias.

Perseguidas e batidas pela mocidade, a poesia e a grammatica hodiernamente são tidas como alho e bugalho. Todos lhes torturao e lacerão. Ai deilas, pobresinhas!

Tal é a febre de escrever errado, que adduzo outro exemplo do mesmo numero dessa folha illustrada. Eil-o: « Houverão muitos pretendentes. »

Ora, o verbo *haver*, unipessoal, cuja significação é a mesma de *existir*, emprega-se ordinariamente com sujeito grammatical occulto—*classe, especie, porção, quantidade, numero, tempo, etc.*, e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de*, também occulta, e por tanto Camões disse: « Alguns traidores *houve* algumas vezes » e também: « Mores feitos *ha* cá não tão bem escriptos. »

O padre Vieira dá-nos também exemplos quando diz: « Porque, ainda que ha outras nações de melhor entendimento. » « Haverá quatorze mezes. »

Frei Luiz de Souza, André de Rezende, Francisco de Moraes e todos os nossos classicos, empregarão o verbo na singular.

Em conclusão, affirmamos ser erro crasso escrever *houverão*, no sentido em o qual fallamos, em lugar de *houve*, pois que é uma das ellipses mais notaveis da lingua portugueza.

A mesma folha continúa assim: « Como acontece, só um pôde alcançar o decreto; *mas houve muitos* que esperarão tê-lo e entre esses um que *começou por escrever* a seguinte carta ao ministro. »

Vejo, meu redactor, emprega agora o mesmo escriptor o verbo *haver* conforme os preceitos grammaticaes, porém o *começou por escrever a carta* é francez.

O Sr. G. M. do *Bazar Volante*, no mesmo domingo 23 de Setembro, diz: « Não se *deve de proceder* com leveza em assumpto litterario. »

Como se assassina a lingua portugueza! Esta phrase é franceza.

Não será o nenhum cuidado, agora empregado no estudo do patrio idioma, causa da barbarisação observada em nossos dias?

Admire, meu redactor, a publicação seguinte do *Jornal do Commercio* em sua Gazetilha: « A commissão sanitaria do 2º districto da freguezia de S. José, acompanhada pelo respectivo fiscal, *visitárão* hontem 34 casas de negocio, sendo multada uma por ter generos deteriorados, os quaes forão lançados ao mar, e oito cortiços, sendo um multado por falta de asseio. »

Tal foi, meu redactor, o furor da commissão sanitaria, por encontrar generos deteriorados, que lançou-os ao mar e os oito cortiços!

Tudo isto procede da má construcção por muitos hoje adoptada.

O Sr. Bacharel Limceiro deu-nos uns versos denominados—*Últimas palavras*.

Pretendemos fazer a analyse dessa poesia, pois S. S. conhece sufficientemente a nossa opinião respeito a taes producções, mas mostraremos já alguns versos monóphonos, frouxos e cacophonicos.

Temos este monóphono:

Se o que é viva dôr tu comprehendes. Este é alexandrino, Ah! quando em vão te amei, quanto hei soffrido, e O coração que soube *só te amar*, frouxo; e este outro é prosaico: *No tumulto gosar quero o sacego*; e finalmente este notavel pela cacophonia:

Sob esta fria lage dormo o bardo.

Na continuação de nossas cartas examinaremos a linguagem empregada hoje, e adduziremos a nossa opinião, firmada em exemplos dos nossos classicos.

Longa vai esta carta, e por isso faço ponto.

Teu amigo

J. L. SOUZA BRAGA.

## CHIMERAS.

### A confusão do Rio de Janeiro.

Quem viu a nossa cidade  
N'outro tempo, n'outra idade,  
Agora pasma se a ver;  
Todos aqui se abrigão,  
Todos fallão, todos brigão,  
Todos querem se encher.

Hoje temos engraxatos,  
Immensos envernizatos,  
E também pelotiqueiro;  
Houve até um tira dente  
Que á cavallo, de repente,  
Comeu-nos muito dinheiro.

Temos musicos allemães,  
Ha immensos charlatães  
Que aqui se fazem senhores,  
Elles vêm p'ra curar,  
Ou antes p'ra se arranjar,  
Dizenda que são doutores...

Vem nos a dansarina,  
A cantora *papa fina*,  
Trazer-nos em uma fona;  
Se lá cantava na praça,  
Aqui se diz, por chalaca,  
A senhora—*Prima dona*.

Temos modas á franceza,  
Pileirinhas á Theroza,  
E mil outras trapalhadas;  
Ha também novos toucados  
Que trazem, p'ra seus peccados,  
As moças acorrentadas.

E outros cintos ferrados,  
Mil enfeites encrespados  
Que parecem carrapichos;  
As moças fazem figuras,  
Trazem couros, ferraduras,  
E até trazem rabichos.

Ha ruas alcatifadas,  
Porém outras mal calçadas;  
Temos praças com figuras,  
Arvoredos e repuchos,  
Ha infames papeluchos,  
Ha velhas com dentaduras.

OMEBIR.

(Continúa.)

### Ao Dr. Chico Antonio.

CARTA I.

Collega de minh'alma, lá vai verso  
Qu'eu em prosa ha muito não converso,  
Nem escrevo tambem, fica entendido.  
As tuas opiniões eu tenho lido,  
E gostando de ti, mais da sciencia  
Que sahe da tua *immensa sapiencia*,  
Resolvi escrever-te umas cartinhas  
Em versos decantando as crenças minhas.

Serei breve.

E mudando de rima qual D. Jayme,  
Digo o Thomaz Ribeiro,  
Nesse grande poema que o Castilho  
Disse matar Camões,  
Heide escrever-te glosas e sonetos,  
Quintilhas, quadras, decimas, tercetos,  
E haver para fartura,  
Até Alexandrinos;  
Farei uns que vão da côrte á Cascadura.

De versos pequeninos  
Ha de haver profusão;  
E mesmo do *Garcia e Capanema*  
Dos *Juvenis delirios*  
Autor mais que fecundo  
Buscarei imitar a entoação  
*Sans rime, miraison*,  
Como diz o Urbain no Pan demonio  
Que chama Alcazar, meu Chico Antonio.

Portanto lá vai obra:  
Como o Vasques direi, bem por costume,  
Na scena do Gymnasio:  
E' um pobre soneto no qual pinto

### OS TRATAMENTOS.

Hoje o tu é partilha do pretinho  
Qu'inda soffre os grillhões do captiveiro;  
O você, cabe em sorte o aguadeiro  
Quando d'agua nos traz o barrilzinho.

Vosmencê, olê, dá-se ao meirinho  
Que julga este tratar—baixo, grosseiro;  
E até quem diria? O marinheiro  
A tratamento tal torce o focinho.

Senhoria, diz ter qualquer jaqueta  
Que do cobre preciso, na carencia,  
Nem pôde ter casaca de baeta!

E d'ahi para cima, isto é demencia,  
Qualquer bruxa, qualquer bicho careta,  
Na côrte do Brasil tem *Excellencia*.

Que tal, meu Chico Antonio!  
Um soneto é cousinha bem difficil,  
E por isso ha quem diga  
Que Bocage o creou,  
Depois d'elle ninguem o estudou  
No velho Portugal!

Seja lá como fôr, hei de escrever  
*De quando em vez*, e se fôr máo,  
Stou prompto apanhar, tomarei páo;  
Mas antes de partir  
Da Costa á nobre Costa  
Quero fazer pequena advertencia,  
Receioso te digo  
Da critica sciencia.

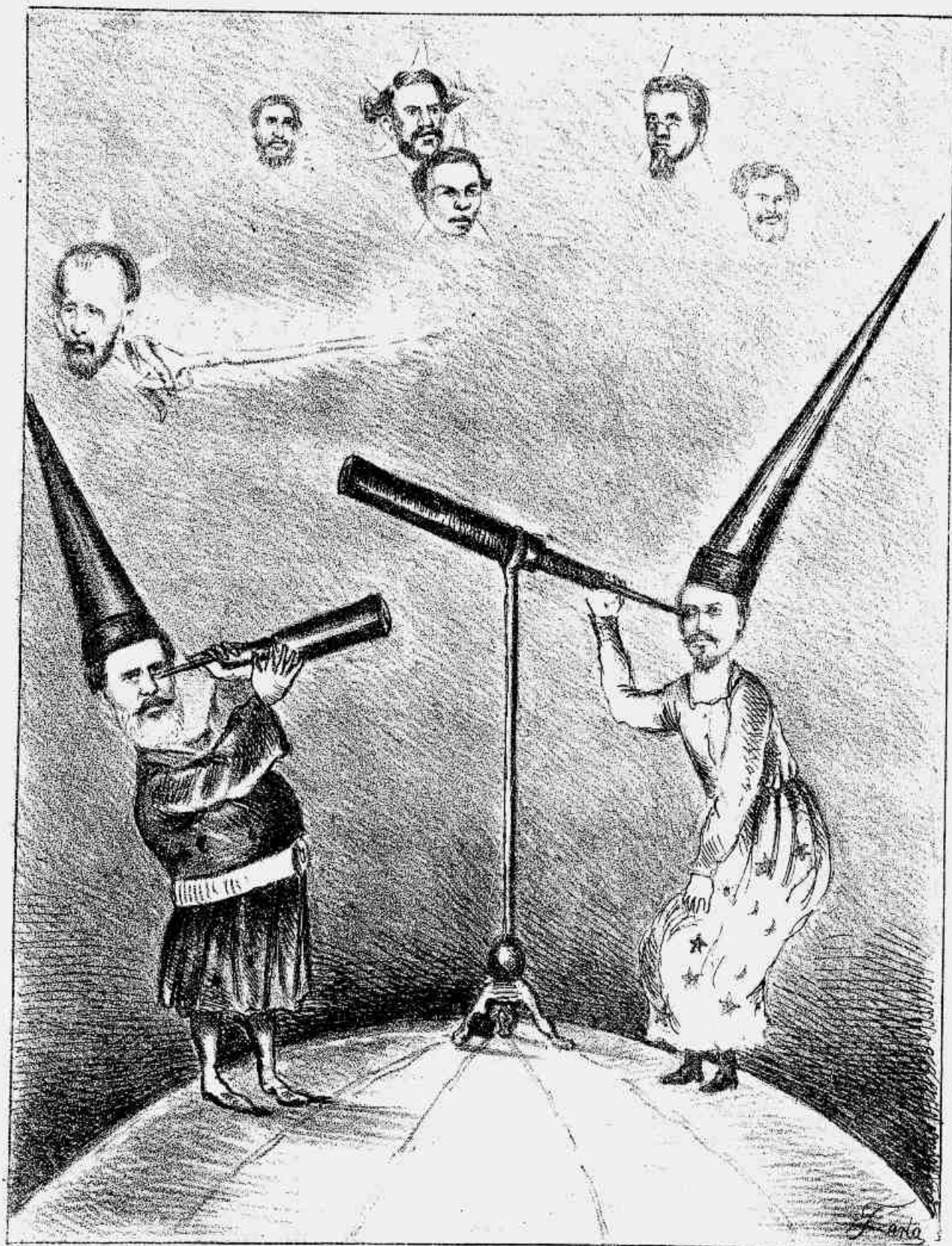
O sonho imitei, de quem não sabes?  
De Paulino Cabral,  
Que é mais velho que eu, diz a gazeta.

Serei breve, te disse, e pois concluo  
A primeira missiva, te enviando  
Um abraço, um beizinho, um olhar brando.

E como junto de ti, d'ora em diante  
Eu tenha de andar sem ser massante,  
Tu, a corda serás, eu a cassamba.  
Teu amigo e collega

TURINBAMBA.

A charada do n. 25 exprime a palavra—*Ephygenia*.



### **Astronomia politica.**

Dous astrônomos, reconhecidos por sua sciencia e entendimento, sondão os astros. Do norte e do sul surgem estrelas de brilho emprestado: são astros apócos. O cometa que atravessa o céu annuncia grande catastrophe para o futuro. Os astrônomos esculão-lhe a luz e a marcha: querem adivinhar. A sciencia pode muito e mais: todavia, ainda não se adivinha a politica.